

UMA ANÁLISE DO USO DO MODO IMPERATIVO NAS TIRINHAS BAIANAS DA TURMA DO XAXADO

Jéferson da Silva Alves*

Minhas histórias falam a linguagem própria do interior da Bahia. Tenho até um personagem que fala *errado* e para fazer a fala dele fiz um trabalho de pesquisa e coletei os dialetos do povo do interior que não teve acesso a escola e a leitura.¹

Resumo: O presente artigo tem como objetivo principal analisar o uso do modo imperativo singular, nas variantes indicativa (61,4%) do tipo: “Mega Z, salvA meu gatinho!” e subjuntiva (38,6%) do tipo: “Por favor, Mega Z, ajudE a arrastar meu filho!”, em tirinhas baianas, em contexto predominante do pronome tu sem concordância (71,4%) do tipo: “Ô Artuzinho... quantos amigos tu já teveØ na vida?”, usando-se, para isso, corpus formado por 277 tirinhas da Turma do Xaxado extraídas do blog pessoal do autor. Para tanto, tomando-se como base para a análise a Teoria da Variação Laboviana, faz-se o levantamento das ocorrências das variantes do modo imperativo (indicativo e subjuntivo) com o fator lingüístico polaridade da estrutura (afirmativa ou negativa) e com o fator extralingüístico papel sócio-pessoal dos personagens: personagens que utilizam somente o pronome de tratamento *você* (17,4%) e personagens que utilizam o pronome *tu* (82,6%) *com* e *sem* concordância.

Palavras-chave: Uso do modo imperativo; Variação lingüística e extralingüística; Tirinhas baianas.

1. INTRODUÇÃO

O imperativo, segundo Perini, é “aquele modo menor que os outros, que a gente aprende na escola e acha que nunca usa”, para ele, “só é menor a primeira vista, porque é preciso aprender que as formas negativas são diferentes das afirmativas” e conclui explicitando que, “além disso, existem outras formas, tiradas do presente do subjuntivo para a primeira pessoa do plural [...] e para os pronomes chamados ‘de tratamento’” (2004, p. 58). No quadro reproduzido abaixo, e sob a ótica do autor supracitado que menciona que o imperativo “acaba sendo o modo mais complicado do paradigma verbal”, podemos ver a formação do modo imperativo no português.

PRESENTE DO INDICATIVO	IMPERATIVO AFIRMATIVO	PRESENTE DO SUBJUNTIVO	IMPERATIVO NEGATIVO
Eu falo	-	(Que eu) fale	-
Tu falaS >	Fala (tu)	(Que tu) fales >	Não fales (tu)
Ele/ela fala	Fale (você)	< (Que ele) fale >	Não fale (você)
Nós falamos	Falemos (nós)	< (Que nós) falemos >	Não falemos (nós)
Vós falaiS >	Falai (vós)	(Que vós) faleis >	Não faleis (vós)
Eles/elas falam	Falem (vocês)	< (Que eles) falem >	Não falem (vocês)

Tabela 1: Formação do modo imperativo.

* Pós-graduando em Gramática e Texto/Universidade Salvador (UNIFACS); graduado em Letras com língua portuguesa e língua espanhola e suas respectivas literaturas/Faculdades Jorge Amado (FJA); ex-monitor do suporte de língua espanhola (FJA). E-mail: jefersonsalves@gmail.com – Autor.

¹ Dado informado pelo autor em comunicação pessoal via mensagem eletrônica em dezembro de 2007.

Nos compêndios gramaticais,² e como também revela a tabela acima, o imperativo é formado por dois modos verbais. O presente do indicativo para as segundas pessoas (gramaticais) na polaridade afirmativa *tu* e *vós* com a supressão do –S final *tu falaS* > **fala** (*tu*) e *vós falaiS* > **falai** (*vós*). Prescreve, ainda, a tradição gramatical que as formas negativas para *tu* e para *vós* são diferentes das afirmativas, já que aquelas vêm do presente do subjuntivo que *tu fales* > não **fales** (*tu*) e que *vós faleis* > não **faleis** (*vós*) acrescentando a partícula negativa *não*. E que para o imperativo que inclui a pessoa que fala na ação, representado pelo pronome *nós* e para os pronomes de tratamento (como *você* e outros) tanto na polaridade afirmativa como na negativa deve se utilizar as formas do presente do subjuntivo.

2. SOBRE O AUTOR E A OBRA

Antes de tratar sobre o autor e a obra é imprescindível conhecer a origem do vocábulo xaxado. Xaxado é uma dança originária do alto sertão de Pernambuco e, segundo Cascudo (1972), foi divulgada até regiões do interior da Bahia pelo cangaceiro Lampião e pelos integrantes do seu bando.

A dança consiste em um deslizado sapateado que, no início, não tinha acompanhamento instrumental e os dançarinos apenas repetiam em um único som, a quadra e o refrão e o tempo era marcado pela batida da coronha do rifle no chão. A arma seria a dama dos cangaceiros que dançavam. Nessa dança, justificava-se a ausência da figura feminina porque nos bandos existiam poucas mulheres. O nome Xaxado é a onomatopéia provocada pela batida das sandálias arrastadas pelo chão na hora da dança.

O grande divulgador do Xaxado no rádio foi Luis Gonzaga, o qual é representado nas histórias baianas da Turma do Xaxado como se vê na figura abaixo:



Figura 1: Representação de Luis Gonzaga nas histórias da Turma do Xaxado

² Foram consultadas 14 gramáticas para confecção do presente trabalho: André (1997); Bechara (1999); Cegalla (2002); Cipro Neto; Infante (1998); Cunha; Cintra (1985; 2001a; 2001b); Nicola (1997); Infante (2001); Faraco; Moura; (1999; 2002); Mattos; Megale (1990); Rocha Lima (2001); Sacconi (1994).

O autor Antônio Luiz Ramos Cedraz nasceu em uma fazenda no município de Miguel Calmon, Zona Rural da Bahia, mas cresceu e se formou professor primário em Jacobina, também no interior da Bahia, local onde teve os primeiros contatos com as histórias em quadrinhos. Seus primeiros heróis das HQ foram os internacionais, como Super-Homem, Capitão Marvel entre outros e de desenhistas brasileiros da década de 1960, como Ziraldo, Flavio Colin, Maurício de Souza entre outros.

XAXADO / Antonio Cedraz



Tirinha 1: Uma de algumas tirinhas participante de um concurso para comemorar a tira 3.000

Desde que começou sua carreira, o autor criou vários personagens e teve seus trabalhos publicados nos principais jornais da capital baiana e de outros estados, e também em revistas lançadas por editoras de todo país.

Com suas HQ e outras histórias, ganhou prêmios e menções honrosas em concursos e exposições no Brasil e no exterior, entre eles o troféu como destaque no 2º Encontro Nacional de Histórias em Quadrinhos, realizado em Araxá, Minas Gerais, no ano de 1989, o Prêmio Ângelo Agostini de “Mestre do Quadrinho Nacional” entre outros.

A Turma do Xaxado é composta por personagens tipicamente brasileiros, cada um com seu jeito de falar, pensar e agir, passando pelas várias classes sociais. Portanto, uma turma heterogênea como o povo brasileiro, vivendo histórias que falam da terra, encantos e problemas do sertanejo, porém, sem perder de vista a universalidade da experiência do ser humano.

Aqui, temos um personagem principal que leva o mesmo nome da obra: Xaxado,³ que é neto de um famoso cangaceiro que vivia com o bando de Lampião, esse personagem “é como um sol ao redor do qual circulam todas as outras personagens e histórias da turma”.⁴

3. O CONTEXTO DISCURSIVO DAS TIRINHAS DA TURMA DO XAXADO

O contexto discursivo das tirinhas da Turma do Xaxado é o uso predominante do pronome *tu* com 82,6% e desses há o predomínio do *tu* sem concordância 71,4% do tipo: (i) Zé, **tu** gosta de feijoada? (Xaxado); (ii) Pur que **tu** acha qui fui eu qui arranquei as página do **seu** livro, Marieta? (Zé Pequeno) e (iii) Saci, depois que **tu** arrumou (**arrumaste**) esse “bichinho de estimação” minha vontade é de descer e **lhe** encher de sopapos... (Xaxado). Nos exemplos (i), (ii) e (iii), percebemos que não há concordância verbal nos três casos. Ademais desse fato, não há concordância no uso do possessivo (*seu* no lugar de *teu*) em (ii) e em (iii) não há

³ Para conhecer mais do personagem Xaxado, de sua turma e suas histórias acesse a página: http://www.xaxado.com.br/turma/turma_xaxado.html.

⁴ Trecho extraído do site Xaxado.

concordância no uso do clítico (*lhe* no lugar de *te*). Nesses diálogos, é interessante observar os outros contextos: 1) Uso do pronome reto *tu* com concordância 11,2% do tipo: (iv) Zé Pequeno, por que **tu** falaS tudo errado? (Marieta) e (v) **Tu** e **tua** boca! (Marieta). Como podemos ver em (iv) e (v) há concordância verbal e outras (aqui o uso do possessivo). Contudo, um fato interessante tem que ser analisado nesses exemplos, pois todos foram expressos por uma única personagem que:

Vive corrigindo a fala “errada” dos outros. Para ela, isto é muito mais do que um passatempo, é uma verdadeira cruzada em defesa da língua portuguesa. Apaixonada por livros, Marieta adora ler um bom romance, estudar e aprender coisas novas para, um dia, tornar-se professora.⁵

Portanto, o contexto acima explicitado é utilizado por uma personagem que tem o nível de letramento diferenciado do resto da turma, pois faz mais uso da cultura livresca do que os outros.

Outro fator interessante é analisar as falas dos personagens que utilizam o pronome de tratamento *você* 17,4%, pois de toda turma temos somente um personagem, Artur Albuquerque (Artuzinho), que faz tal uso, e atribuímos tal fato a sua posição social que também é diferente dos demais personagens, já que ele é filho de um grande fazendeiro da região. Podemos ver exemplos desse personagem em (vi) Tião, tá aqui a lista dos candidatos em quem eu quero que **você** vote na próxima eleição (Artuzinho) e (vii) Se **você** for macho, me diga quanto é isso dividido por 690! (Artuzinho).

Além de Artuzinho, outros personagens e fatores influenciam no uso do tratamento *você* como:

(a) Personagens com papel sócio-pessoal diferente do da turma, como a professora da turma que por questões do papel que desempenha tem que utilizar-se das formas prescritas nas Gramáticas Normativas (GN) como em (viii) e (ix) abaixo:

(viii) Bem... ..vamos aprender a ensinar! Primeiro, **você** fala “bom dia”! (Professora)

(ix) Sinto muito em desafiar o seu vasto conhecimento musical mas existe uma nota que **você** ainda não conhece! (Professora)

(b) Personagens que não fazem parte da turma para personagens que não fazem parte da turma, mas que figuram de vez em quando no enredo, como conversas entre políticos como em (x) e (xi):

(x) Arrã! Gravei **você** dizendo que vai comprar meu voto! (Político 1)

(xi) Arrã! Gravei **você** dizendo que vai me chantagear! (Político 2)

(c) Personagens que não fazem parte da turma para personagens que fazem parte da turma, mas que também figuram no enredo de vez em quando, como num jogo de futebol em (xii) e (xiii):

(xii) De quem **você** tá falando garoto? (Outros)

⁵ Trecho extraído do site da Turma do Xaxado: http://www.xaxado.com.br/turma/turma_marieta.html.

(xiii) Vamos lá, matuto, manda outro bater mais forte, porque **você** não tá com nada (Outros)

(d) Personagens que fazem parte da turma para personagens que não fazem parte da turma como (xiv) e (xv):

(xiv) Não desiste não moço... ao seu redor **você** tem um grande exemplo de perseverança! (Xadado)

(xv) Quem é **você**? (Xaxado)

(e) Personagens que fazem parte da turma para personagens que fazem parte da turma, quando querem ressaltar algo negativo, por exemplo, em (xvi) ou quando querem lembrar algum conselho que já tinha sido dito antes como em (xvii):

(xvi) Artuzinho, **você** foi eleito “O Machista do ano!” (Marinês)

(xvii) Zé, eu disse pra **você** não arrumar confusão com aqueles jogadores de basquete! (Marinês)

(f) Personagens que fazem mais uso do letramento formal (leitura e escrita), em contexto familiar como se vê em (xviii):

(xviii) E **você** ainda me pergunta que presente eu gostaria de ganhar no dia dos pais, Marieta? (Pai de Marieta)

Em posse desses dados, faz-se necessário para o exame de nossa pesquisa analisar os dados **com** os personagens que utilizam o pronome reto *tu* e **com** os personagens que fazem uso única e exclusivamente com o pronome de tratamento *você* para averiguar se por conta destes está influenciando na escolha da forma subjuntiva, uma vez que a tradição gramatical prescreve que para tal pronome os falantes devem utilizar as formas vindas do presente do subjuntivo.

4. METODOLOGIA DE ANÁLISE

As tiras fazem parte do gênero textual história em quadrinhos (HQ) e “apresenta[m] situações de diálogo num registro muito próximo ao da linguagem popular [...] resultando em um texto mais espontâneo e, conseqüentemente, aproximando-se da linguagem falada” (SMANIOTTO; 2005, p. 62). Ademais de Smaniotto (2005), outros pesquisadores fazem análise lingüística do modo imperativo em HQ⁶ brasileiras ou traduzidas à língua portuguesa. Segundo a autora supracitada, a “análise de história em quadrinhos poderá delinear os rumos que a variação do imperativo tem tomado tanto na fala como na escrita” (SMANIOTTO; 2005, p. 72).

As tirinhas, geralmente, são publicadas diariamente em jornais de todo Brasil e também de todo mundo. Como já foi explicitado anteriormente, as tiras ou tirinhas, como são chamadas, fazem parte do gênero textual história em quadrinhos e segundo Menon:

⁶ Outros pesquisadores brasileiros fazem análise lingüística do modo imperativo em histórias em quadrinhos brasileiras e traduzidas: Alves (2006; 2007); Andrade; Melo; Scherre (2007a; 2007b); Borges (2005); Scherre (2003; 2005); Smaniotto (2005).

As HQ devem, também, merecer destaque no tocante ao papel que têm: muitas vezes, é o único tipo de leitura de alguns grupos sociais. E, nesse aspecto, o português aí veiculado também se reveste de importância: enquanto manifestação lingüística de uma comunidade, num determinado tempo e espaço, essa linguagem, ao ser registrada, reveste-se de significado na medida em que os textos devolvem a seus leitores as formas lingüísticas por eles utilizadas. Nesse processo eles se tornam agentes importantes na disseminação da diversidade oral, e por que não, no processo de mudança lingüística (MENON et alii; 2003 apud SMANIOTTO; 2005, p. 79).

As HQ, por serem textos “escritos” muito próximos da oralidade, sofrem variação e mudança lingüística e segundo Tarallo (2002), “nem tudo que varia sofre mudança; toda mudança lingüística, no entanto, pressupõe variação. [Ou seja], mudança é variação!”.

A mudança lingüística se dá de maneira contínua, porém, lenta e gradual. Por tanto, as tirinhas por serem textos bastante férteis em relação a elementos muito presentes na oralidade são mais passíveis à variação e mudança lingüística que outros tipos de textos escritos, por isso, adotamos para a análise do uso do modo imperativo a metodologia Sociolingüística Laboviana.⁷ Nosso principal objetivo é analisar quantitativamente as variáveis lingüísticas e extralingüísticas envolvidas no fenômeno em questão em tirinhas baianas da Turma do Xaxado extraídas do *blog* pessoal do autor contando com um total de 277 tirinhas. As variáveis lingüísticas foram: **1.** Tipo de forma do imperativo – forma indicativa e forma subjuntiva; **2.** Tipo de polaridade da estrutura – polaridade afirmativa e polaridade negativa; **3.** Uso do pronome *tu* **com** e **sem** concordância; **4.** Uso do pronome de tratamento *você* e **5.** A variável extralingüística papel sócio-pessoal dos personagens – personagens que utilizam o pronome *tu* predominantemente em seu discurso e personagens que utilizam única e exclusivamente o pronome de tratamento *você* seu discurso.

5. ANÁLISE DOS DADOS

Em nossa análise, iniciaremos dando um panorama do levantamento quantitativo das ocorrências encontradas no *corpus* levando em consideração o modo indicativo e o modo subjuntivo e as polaridades afirmativas e negativas.

INDICATIVO		SUBJUNTIVO	
APLICATIVO/TOTAL/%		APLICATIVO/TOTAL/%	
78/127/61,4%		49/127/38,6%	
AFIRMATIVO	NEGATIVO	AFIRMATIVO	NEGATIVO
74/127/58,3%	4/127/3,1%	45/127/35,5%	4/127/3,1%

Tabela 2: Ocorrências do modo imperativo singular no *corpus*.

Percebe-se, a partir da análise da tabela 2, que o maior uso do modo imperativo se configura pelo modo indicativo com 78 ocorrências ou 61,4% do tipo: (1) **Me dá** mais broco aí, Mega Z! e (2) **Nem vem** moleque!. Contudo, encontramos 49 ocorrências ou 38,6% no modo subjuntivo do tipo: (3) **Venha** cá, que vou lhe ensinar com quantos paus se faz uma canoa! e (4) O deputado Gatônildo tá vindo aí com o filho pequeno... não **deixe** nada de valor a vista!. Levando em consideração a polaridade da estrutura, nota-se que tanto no uso do modo indicativo quanto no modo subjuntivo há um baixo índice de ocorrências e um equilíbrio entre as duas, já que no indicativo teve 4 ocorrências ou 3,1% e no subjuntivo ocorreu o mesmo, ou seja, 4 ocorrências ou 3,1% representadas em (5) e (6):

⁷ Adotada por outros autores como: Monteiro(2000); Tarallo (2002); Calvet (2002); Alkmim (2003); Molica (2004).

Imperativo expresso pela forma indicativa na polaridade negativa:

(5) Nem **vem**, Zé! Eu não vou lhe passar pesca!

Imperativo expresso pela forma subjuntiva na polaridade negativa:

(6) E se tu também for... ..num **passse** não!

Ao fim dessas análises, verificamos que o fator **personagens que só utilizam o pronome de tratamento *você*** condiciona para a escolha da forma subjuntiva.

Portanto, nossa hipótese já levantada: que se por conta de tais personagens (que utilizam o pronome de tratamento *você*) estaria influenciando para o uso da forma subjuntiva? Foi corroborada. A seguir veremos os resultados desmembrando as ocorrências: **(a) personagens que utilizam o pronome *tu*** e **(b) personagens que utilizam o pronome de tratamento *você*** como ilustra o gráfico abaixo.

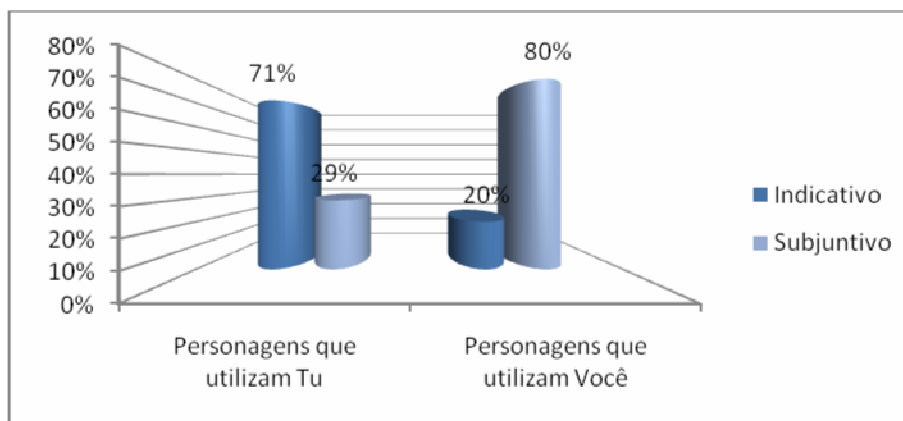


Gráfico 1: Utilização do modo imperativo com os personagens que utilizam *tu* e os personagens que utilizam *você* separadamente.

No gráfico representado acima, averiguamos que os personagens que utilizam o pronome *tu* faz uso preferencialmente na forma indicativa com um total de 71% ao passo que os personagens que utilizam o pronome de tratamento *você* utilizam em maior parte o modo subjuntivo com 80% assim como a tradição gramatical prescreve. Podemos ver exemplos desses usos em (7) e (8):

Personagens que utilizam o pronome sujeito reto *tu*, preferência pelo modo indicativo:

(7) Então **compre** *tu* mesmo pra eu ver!

Personagens que utilizam o pronome de tratamento *você*, preferência pelo modo subjuntivo:

(8) Se *você* for homem, **passse** por cima dessa linha!

CONCLUSÃO

A partir das análises feitas, constatamos que o que está prescrito nos compêndios gramaticais e o uso do modo imperativo nas tirinhas da Turma do Xaxado mostram-se distanciados, já que os registros presentes nas Gramáticas Normativas (GN) não cobrem diversas possibilidades de uso do modo imperativo, no português brasileiro falado e em alguns contextos escritos – como é o caso dos diálogos presentes nas tirinhas – uma vez que os dados aqui analisados revelam uma presença bastante significativa de enunciados imperativos expressos pela forma indicativa em contexto do pronome *tu* sem concordância, ou seja, os personagens utilizam o pronome de segunda pessoa (do discurso e gramatical), porém, em concordância com o verbo e outros elementos de segunda do discurso e terceira gramatical que a tradição gramatical associa ao pronome de tratamento *você*.

Ademais desses dados, foram visto outros que influenciam para a escolha de uma variante ou de outra. Por exemplo, a polaridade negativa já vem sofrendo o mesmo que ocorre na polaridade afirmativa, ou seja, há alguns contextos em que a forma indicativa é encontrada fugindo totalmente da norma estabelecida pelos gramáticos, uma vez que eles prescrevem sempre as formas subjuntivas para tal polaridade independente do pronome utilizado (*tu* ou *você*). Outro fator que influencia para a escolha de uma forma ou de outra é o papel sócio-pessoal dos personagens, revelando que: personagens que só utilizam o pronome de tratamento *você* tende a utilizar mais as formas subjuntivas e que os personagens que utilizam o pronome *tu com* e *sem* concordância a escolha é pela forma do indicativo.

Concluimos que a variante expressa pela forma do indicativo, tanto na polaridade afirmativa quanto na negativa independente da utilização do pronome (*tu* ou *você*), portanto, faz parte da realidade lingüística das tirinhas baianas da Turma do Xaxado, sendo empregado em maior índice percentual pelos personagens que utilizam o pronome *tu com* e *sem* concordância, revelando que não são os pronomes que influenciam para tal escolha e sim o nível sócio-pessoal dos personagens.

REFERÊNCIAS

ALVES, Jeferson. *Norma e uso - O imperativo no "Menino Maluquinho e sua turma"*. Comunicação apresentada no XI Encontro Baiano dos Estudantes de Letras. Feira de Santana: UEFS, 2007.

ALVES, Jeferson. *O imperativo no Menino Maluquinho*. Comunicação apresentada no X Encontro Baiano dos Estudantes de Letras. Salvador: UCSAL, 2006.

ALKMIM, Tânia Maria. *Sociolingüística: Parte I*. In: Introdução à lingüística: domínios e fronteiras. MUSSALIM, Fernanda; BENTES, Anna Christina (orgs.). 3 ed. São Paulo: Cortez, 2003.

ANDRADE, Carolina Queiroz; MELO, Fernanda Gláucia de Moura; SCHERRE, Maria Marta Pereira. *História e variação lingüística: um estudo em tempo real do imperativo gramatical em revista em quadrinhos da Turma da Mônica*. In: *Jornal de Letras da UniCEUB*. Brasília, Ano 3 – número 1 – Agosto de 2007a.

ANDRADE, Carolina Queiroz; MELO, Fernanda Gláucia de Moura; SCHERRE, Maria Marta Pereira. *História e variação lingüística: um estudo em tempo real do imperativo gramatical em revista em quadrinhos da Turma da Mônica*. In: Anais do V Congresso Internacional da ABRALIN. Minas Gerais: UFMG, 2007b.

ANDRÉ, Hildebrando A. de. *Gramática ilustrada*. 5. ed. São Paulo: Moderna, 1997.

BECHARA, Evanildo. *Moderna gramática portuguesa*. 37. ed. Ver. e ampl. Rio de Janeiro. Lucerna 1999, p. 283.

BORGES, Poliana Rossi. *Formas imperativas em tiras de jornais paulistas*. In: Estudos Lingüísticos XXXIV. São Paulo. 2005, p. 738-743.

CALVET, Louis-Jean. *Sociolingüística: uma introdução crítica*. Tradução de Marcos Marcionilo. São Paulo: Parábola, 2002.

CASCUDO, Luís da Câmara. *Dicionário do Folclore Brasileiro*. INL, Rio de Janeiro, 1954 – 3ª ed, 1972.

CEGALLA, Domingos Paschoal. *Novíssima gramática da língua portuguesa*. 43. ed. São Paulo: Nacional, 2002.

CIPRO NETO, Pasquale; INFANTE, Ulisses. *Gramática da língua portuguesa*. São Paulo: Scipione, 1998.

CUNHA, Celso; CINTRA, Lindley. *Nova gramática do português contemporâneo: terceira edição revista. Nova apresentação*. 3. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001b.

CUNHA, Celso; CINTRA, Lindley. *Nova gramática do português contemporâneo: 2. ed.* Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001a.

CUNHA, Celso; CINTRA, Lindley. *Língua e Sociedade: variação e conservação lingüística*. In: Nova gramática do português contemporâneo. 1. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.

FARACO & MOURA. *Gramática*. 19. ed. [S.l.] : Ática, 2002.

FARACO & MOURA. *Língua e Literatura: 2º grau. volume único*. 8. ed. São Paulo: Ática, 1999.

INFANTE, Ulisses. *Curso de gramática aplicada aos textos*. São Paulo: Scipione, 2001.

MATTOS, Geraldo; MEGALE, Lafayette. *Português: 2º grau*. 3. ed. São Paulo: FTD, 1990.

MONTEIRO, José Lemos. *Para compreender Labov*. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2000.

MOLLICA, Maria Cecília; BRAGA, Maria Luiza (orgs.). *Introdução à Sociolingüística: o tratamento da variação*. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2004.

NICOLA, José. *Curso de gramática: aplicada aos textos*. São Paulo: Scipione, 2001.

PERINI, M. A. *Os dois mundos da expressão lingüística* (reflexões sobre falar e escrever). In: *A língua do Brasil amanhã e outros mistérios*. São Paulo: Parábola, 2004, p. 53-72.

ROCHA LIMA, Carlos Henrique da. *Gramática normativa da língua portuguesa*. 41. ed. Rio de Janeiro: J. Olympio, 2001.

SACCONI, Luiz Antonio. *Nossa gramática: teoria e prática*. 18. ed. reform. e atual. São Paulo: Atual, 1994.

SCHERRE, Maria Marta Pereira. *Norma e uso na expressão do imperativo em revistas em quadrinhos da Turma da Mônica*. In: SILVA, Denize Elena Garcia da; LARA, Gláucia Muniz Proença & MAGAZZO, Maria Adélia (orgs.). *Estudos de linguagem- Inter – relações e Perspectivas*. Campo Grande: UFMS, 2003. p. 177- 191.

SCHERRE, Maria Marta Pereira. *O imperativo gramatical no português brasileiro: reflexo de mudança lingüística na escrita de revistas em quadrinhos*. A sair em livro organizado por Sebastião Josué e Cláudia Roncarati. Livro em homenagem a Anthony Julius Naro, 2005.

SMANIOTTO, Giselle Cristina. *A expressão variável do imperativo nas histórias em quadrinhos: uma análise em tempo real*. 2005. 112. f. Dissertação (Mestrado em Estudos da Linguagem) – Universidade de Londrina, Londrina.

TARALLO, Fernando. *A pesquisa sociolingüística*. 7. ed. São Paulo: Ática, 2002. (Princípios).